

# FINTECH

## BANCOS TRADICIONAIS NÃO DESAPARECEREM, MAS PERDEM O EXCLUSIVO DO SISTEMA FINANCEIRO

É o efeito das FinTech: aparecem em nichos de mercado, altamente especializadas, criam tecnologia de ponta e prometem oferecer ao utilizador uma experiência inovadora e intuitiva. Já estão a alterar a cadeia de valor do sistema financeiro. São mais ágeis a responder às necessidades de cada cliente, desde o financiamento até à gestão corrente das finanças pessoais.  
E angariam clientes todos os dias. Vieram para ficar.



II | 22 fevereiro 2019

ESPECIAL FINTECH

INOVAÇÃO

# FinTech e banca juntos na era da internet

A nova vaga do sistema financeiro já chegou. Os bancos vão entrar nas 'apps' do telemóvel e as FinTech vão ser parceiras da inovação tecnológica dos serviços financeiros.

ANTÓNIO VASCONCELOS MOREIRA  
amoreira@jornaleconomico.pt

A tecnologia tomou de assalto o sistema financeiro e muitos dos seus afluentes. As FinTech, startups ágeis que desenvolvem tecnologia financeira, nasceram na "garagem" e não têm medo de desafiar o *status quo* financeiro, que até há pouco tempo era comandado exclusivamente pela banca. Sofre de miopia aquele que reconduz a relação entre os bancos e as FinTech a um mero jogo de concorrência. Olhando à lupa os tempos

recentes, constata-se que aprende-ram a coexistir: as FinTech vieram para ficar e os bancos tradicionais não vão desaparecer.

As FinTech introduziram "no sistema financeiro o princípio da 'destruição criativa', popularizado pelo economista J. Schumpeter, ao apresentarem aplicações de novas tecnologias, processos e produtos inovadores", explicou Hélder Rosalino, administrador do Banco de Portugal. Isto é, "ajudam o sistema financeiro a reinventar os modelos de negócio tradicionais e criar serviços mais customizados às necessidades dos clientes, que, por sua vez,

são cada vez mais exigentes e digitais", adiantou.

As FinTech atuam em diversas atividades da cadeia de valor do sistema financeiro e há quem defenda que em alguns casos, nem são concorrentes da banca. Afonso Eça, cofundador da Raize, uma FinTech portuguesa de *crowdfunding*, considerou que as tecnológicas financeiras B2C "não estão a inovar em nada, estão apenas a alterar a forma de colocação de produtos no mercado, numa lógica de *smartphone-friendly*".

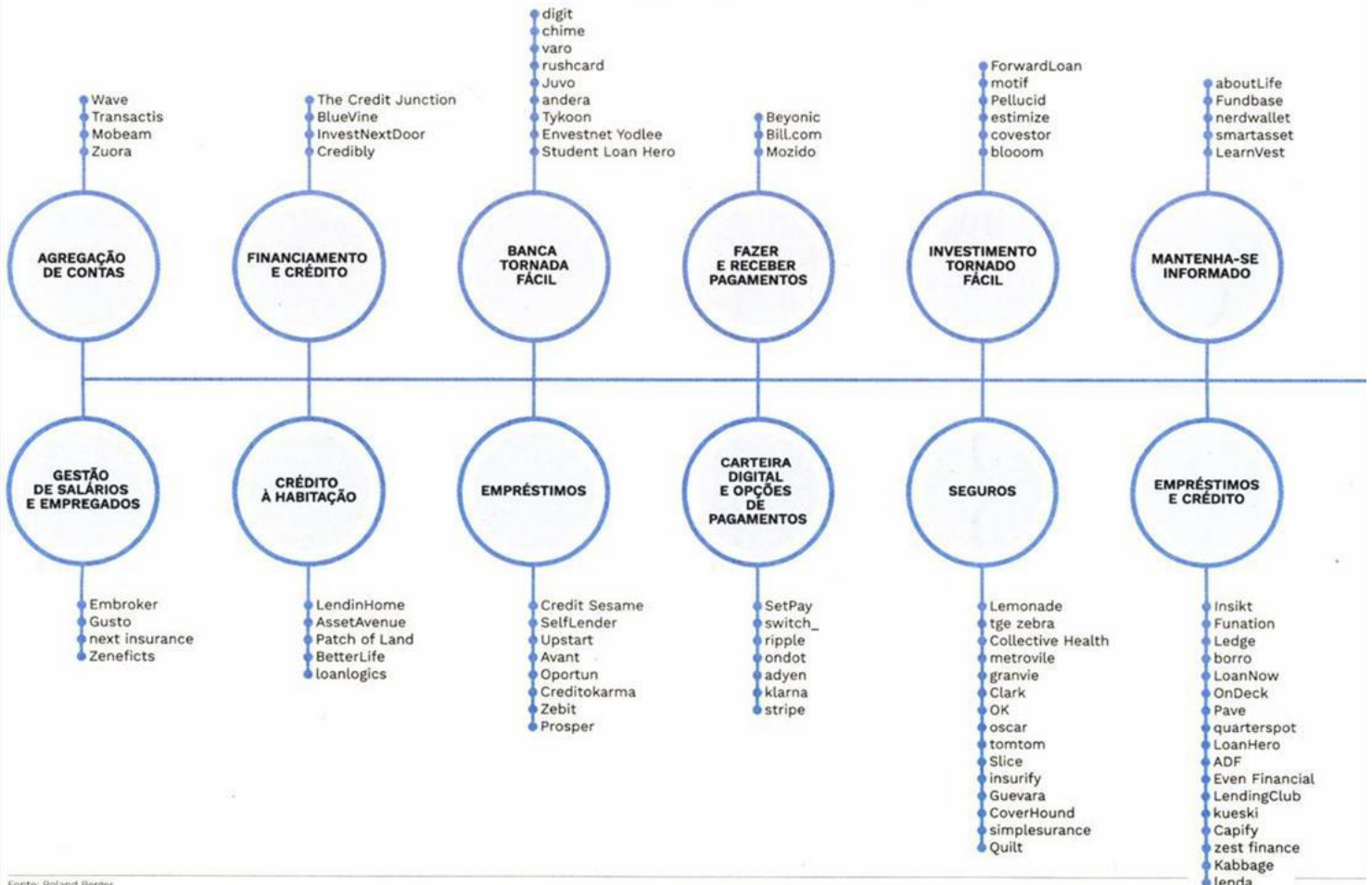
Mas casos há em que esta tensão pode resvalar para a competição.

Quanto mais próxima da banca do quotidiano ou da concessão de crédito se aproximar uma FinTech, mais desafia um banco tradicional.

"Just a friendly nudge to remind you there's money in your bank account". Quem descarregou a app do Revolut sorri ao receber esta notificação no *smartphone*. O Revolut é um *neo-bank* que, em dezembro, obteve a licença bancária europeia. "Na mente da generalidade dos clientes, [...] concorre diretamente com os bancos", frisou João Cunha, *senior manager* do Centro de Competências de Serviços Financeiros da consultora Roland Berger.

"Os neo bancos atuam ao nível da banca do dia-a-dia. Mais de 90% dos pontos de contacto dos clientes com os bancos [são] para pagamentos e gestão de conta. E, aí, as propostas de valor da Revolut, por exemplo, mais ágeis e suportadas num contexto regulatório mais leve, concorrem diretamente com os bancos", explicou. "Mas, na realidade, o Revolut é um cartão pré-pago; não há nenhuma conta associada", frisou.

Outros sugerem que, à medida que as gerações antigas são substituídas pelas mais novas, que nasceram digitais e não entram numa agência bancária, a concorrência entre bancos tradicionais e FinTech adensa-se. Pedro Branco, *senior manager* dos serviços financeiros da Glintt, uma multinacional de tecnologia e consultoria portuguesa, alertou para "o impacto da questão demográfica portuguesa nos serviços financeiros". À medida que o tempo passa, "os neo bancos vão tornar-se cada vez mais concorrentes, porque a distância entre estes e os bancos tradicionais vai-se esbatendo", defendeu. "No contexto dos particulares, os bancos tradicionais estão numa corrida contra o tempo".



Fonte: Roland Berger



Neste contexto, a banca tem todos os incentivos para correr mais depressa. No retrovisor, surgem adversários mais sérios que, se assim o decidirem, poderão ultrapassar os bancos que conhecemos a uma velocidade vertiginosa. Alicerçados em tecnologia de ponta e na informação sobre os milhões de clientes que têm, entre os "grandes desafiadores" da banca encontram-se as "Big Tech", como a Apple, a Amazon ou a Google", salientou João Cunha. E, no panorama de abertura do sistema financeiro na área de pagamentos, Afonso Eça, também as considerou como "a maior ameaça para os bancos".

Em todo o caso, os bancos estão a adaptar-se a este novo contexto. "Os bancos estão a tornar-se mais eficientes, por via da digitalização de processos e por via da redução de equipas", disse Pedro Branco. "Estão a libertar capital que, em alguns casos, tem sido canalizado para as iniciativas digitais".

**Primeiro inova-se, depois regula-se**

A inovação tecnológica no sistema financeiro foi muito visível na área

dos serviços de pagamentos. Segundo os advogados da Vieira de Almeida, Helena Correia Mendonça e Tiago Correia Moreira, a evolução ocorreu tão rapidamente que forçou o legislador comunitário a legislar outra vez, obrigando os Estados Membros a transporem a nova Diretiva de Serviços de Pagamentos 2 (DPS2).

"A inovação é algo que não se consegue regular por antecipação sem correr o risco de se incorrer numa cristalização de procedimentos e de práticas ineficientes", explicou Hélder Rosalino.

A DSP2 regula as novas dinâmicas dos serviços de pagamentos que, ao acompanharem a transformação dos hábitos de consumo da sociedade, se tornaram mais rápidos e convenientes. E, mais do que isso, veio diluir indústrias que, até agora, estavam nitidamente separadas. "O banco BBVA, há cerca de seis meses, começou a vender bifes gourmet no seu Marketplace", ilustrou Rui Negrões Soares, o responsável máximo pela transformação digital da Caixa Geral de Depósitos. "No futuro, poder-se-á abrir uma conta na Zara", disse.

A abertura da banca a outros agentes económicos pressupõe a construção de uma infraestrutura tecnológica, através da qual irão, em articulação, aceder à informação bancária dos consumidores. Por trás desta realidade, está a conjugação entre a conveniência e a mobilidade dos particulares.

Brevemente, em pouco tempo, será possível, na mesma app abrir uma conta bancária, obter crédito, aderir a um serviço de telecomunicações e comprar um bilhete de avião sem sair do sofá. Isto não é futurologia, é a DSP2.

Quando a relação entre os bancos e as FinTech estiver mais consolidada, "haverá muitos vencedores", frisou o fundador e CEO da Monese, uma FinTech que quer colocar os serviços bancários no bolso dos clientes.

Provavelmente, o maior vencedor de todos será o consumidor. O avanço tecnológico deu mais poder ao consumidor do que este alguma vez teve. "Até há pouco tempo, quando o cliente precisava de nós, vinha ter connosco", lembrou Rui Negrões Soares. "Agora, o cliente sentado no sofá tem o banco à sua disposição".



**O futuro do dinheiro é digital**

Paulo Raposo  
Diretor Geral da Mastercard em Portugal

As mudanças na indústria de pagamentos, impulsionadas pela PSD2, terão um impacto verdadeiramente positivo e vão permitir à Europa posicionar-se na vanguarda da inovação dos pagamentos, criando maior segurança e confiança e impulsionando novas oportunidades para negócios e pessoas. O "Open Banking", por exemplo, em que os consumidores vão poder dar a entidades terceiras o acesso a informações das suas contas bancárias, é um fenómeno que vai contribuir para um setor de pagamentos cada vez mais dinâmico e competitivo - onde bancos, prestadores de serviços de pagamentos e entidades terceiras cooperarão e competirão para oferecer novos serviços ao mercado.

Num momento em que os bancos estão a passar pelo seu "momento API", que se traduziu num hotspot de financiamento de FinTechs em 2018, com investimentos quase a duplicar os dos anos anteriores, começamos a assistir à mudança do sector bancário para um modelo de identificação de risco proativo, ou mesmo preditivo, utilizando a IA e o big data, transformando-os em insights mais personalizáveis.

É neste sentido, aliás, que a Mastercard, para responder a estes novos desafios, tem, em 2019, a última vaga de empresas a entrar no programa Mastercard Start Path, entre as quais estão soluções de vanguarda ao nível da oferta de serviços bancários, financeiros e comerciais. Por exemplo, a Cnote está a criar produtos financeiros competitivos, com impacto social positivo. A Hummingbird é uma plataforma de inteligência artificial para gerir operações de combate à lavagem de dinheiro. A Minka, por sua vez, é uma plataforma de Open Banking API construída sobre o conceito de dinheiro enquanto informação sobre dívidas (IOUs) e criptografia.

Num primeiro momento, as mudanças instituídas pela PSD2 pareciam uma espécie de Big Bang, mas, em muitos aspectos, tratam-se, afinal, de simples adaptações de regras já existentes às recentes inovações nas soluções de pagamento, actualmente mais rápidas, seguras e convenientes. No ambiente concorrencial, contudo, antecipam-se alterações e efeitos no médio prazo.

A Mastercard, empresa líder em tecnologia de pagamentos ao nível global, tem vindo a ajudar os seus parceiros da banca a desenvolver soluções digitais mais seguras e convenientes e é hoje um dos principais impulsionadores da banca online na Europa.

Ao dispor de uma infraestrutura global, know-how tecnológico, produtos e uma rede mundial para instituições financeiras, a Mastercard está estrategicamente posicionada para apoiar as Fintechs mais recentes, mas também a banca tradicional, num momento em que todas as instituições convergem para a transformação digital da indústria.



Com o apoio de **mastercard.**

- robinhood
- Polly Portfolio
- SparkFund
- Kapitall
- Street Shares
- Stockpile

**INVESTIMENTO E REFORMAS**

**GESTÃO DE RIQUEZA**

- wealthfront
- SIGFIG
- Betterment
- WiseBanyan
- Estimote
- FutureAdvisor
- Personal Capital
- Quovo
- Contix
- Elm
- acorns

**AS 'FINTECH' QUE INTERESSA CONHECER**

As FinTech estão disseminadas pelas várias atividades que compõem a cadeia de valor da indústria financeira. Respondem a necessidades específicas dos consumidores através da inovação tecnológica com soluções 'mobile', trazendo maior conveniência e agilidade aos serviços financeiros, para benefício dos consumidores. As FinTech estão a revolucionar a forma como pedimos crédito, gerimos as nossas finanças ou fazemos pagamentos.